

De Freire a Boal: teoria e prática no palco da educação

From Freire to Boal: theory and practice on the educational stage

De Freire a Boal: teoria y practica en el escenario educativo

Luciana Jesus de Souza¹ 0000-0002-4417-2555

¹Fundação CECIERJ – Rio de Janeiro, RJ, Brasil; docluhistoria@gmail.com

RESUMO:

A proposta deste trabalho permeia a descoberta de temas como as contribuições dialéticas e autônomas de autores como Paulo Freire e Augusto Boal, visando uma prática de sala de aula do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, traçando um paralelo entre as práticas e teorias dos autores, na construção da autonomia dos alunos de áreas periféricas do primeiro ciclo. De cunho reflexivo e fazendo uso do referencial bibliográfico de Paulo Freire e de Augusto Boal, a presente investigação faz articulações dialógicas sobre a Pedagogia da Autonomia e o Teatro do Oprimido, a redação apresenta uma discussão sobre as seguintes questões como, autonomia, a visão do teatro quanto este contexto libertador, as possibilidades de superação da ramificação entre opressores e oprimidos e a contribuição da educação neste contexto. Os pontos abordados tem por objetivo refletir dentro no contexto de olhares críticos, possibilitando novos horizontes dentro do contexto da autonomia, teatro e educação nas séries iniciais.

Palavras-chave: autonomia; *espect-ator*; ¹ teatro do oprimido.

ABSTRACT:

The proposal of this work permeates the discovery of themes such as the dialectical and autonomous contributions of authors such as Paulo Freire and Augusto Boal, aiming at a classroom practice of the first cycle of elementary school, drawing a parallel between the practices and theories of the authors, in the construction of the autonomy of students from peripheral areas of the first cycle. Of a reflective nature and making use of the bibliographic reference of Paulo Freire and Augusto Boal, the present investigation makes dialogical articulations about the Pedagogy of Autonomy and the Theater of the Oppressed, the writing presents a discussion on the following issues such as, autonomy, the vision of theater as this liberating context, the possibilities of overcoming the branch between oppressors and oppressed and the contribution of education in this context. The points addressed aim to reflect within the context of critical looks, enabling new horizons within the context of autonomy, theater and education in the initial grades.

Keywords: autonomy; spect-actor; theatre of the oppressed.

RESUMEN:

El propósito de este trabajo es descubrir temas como las contribuciones dialécticas y autónomas de autores como Paulo Freire y Augusto Boal, con miras a la práctica en el aula en el primer ciclo de la educación primaria, trazando un paralelo entre las prácticas y las teorías de los autores en la construcción de la autonomía de los estudiantes de las zonas periféricas en el primer ciclo. De carácter reflexivo y haciendo uso de las referencias bibliográficas de Paulo Freire y Augusto Boal, esta investigación hace articulaciones dialógicas sobre la Pedagogía de la Autonomía y el Teatro del Oprimido. El ensayo presenta una discusión sobre los siguientes temas como la autonomía, la visión del teatro en este contexto liberador, las posibilidades de superación de la ramificación entre opresores y oprimidos y la

¹Para Boal (2019) em sua concepção de teatro popular, a plateia deveria se comportar como um *Espect-Ator* (um espectador que também é ator) e de forma ativa e crítica, se colocando no lugar dos atores inicialmente propostos. E o ator deveria passar a ser também o espectador dessa peça. É um movimento de reumanização dessa plateia.

contribución de la educación en este contexto. Los puntos abordados pretenden reflexionar en el contexto de perspectivas críticas, posibilitando nuevos horizontes en el contexto de la autonomía, del teatro y de la educación en los primeros grados.

Palabras clave: autonomía; *espect-ator*; teatro do oprimido.

Introdução

Freire, o patrono da educação em nosso país, possui em sua estrutura pensamentos e busca teórica, e sua construção metodológica, principalmente por sua *práxis*, fazendo uso do contato direto com a realidade do educando, pensando no sujeito de forma a conscientizá-lo, enxergando sua realidade e possíveis intervenções.

A leitura do mundo perpassa pelo contexto Freiriano, visto que, ele estimula a visão do cotidiano das pessoas em vias de retirada deste opressor, que cada um possui, para uma visão muito mais autônoma e reflexiva, e possibilita que os sujeitos possam perceber as tensões dialéticas em que o mundo vive.

O dramaturgo, ensaísta, professor e diretor Augusto Boal, em uma perspectiva de transformação interna, perpassa em sua base por uma metodologia revolucionária do teatro em nosso país, o Teatro do Oprimido. O ato de recriar, de pensar sobre o que vive, traz alusões muito mais contundentes com o processo social e psicológico.

Para Boal, as pessoas são teatro, ou seja, a população pode e deve pensar a sua realidade por meio da teatralização, assim, os sujeitos mostram a sua forma de ver este mundo vivido por eles, sob seu prisma, possibilitando um olhar externo ao que se vivencia e a saída de um mero espectador desta realidade vivida para o papel de protagonista de suas ações.

Com todo este movimento vivido e respirado, em que pensar a educação como um local de possibilidades de conhecimento e autoconhecimento, é que motivam o educador a trazer para a sala de aula pensadores como Augusto Boal e Paulo Freire tendo como objetivo promover a reflexão sobre temas da seguinte categoria: conscientização, emancipação humana, libertação social, e superação da dicotomia entre opressores e oprimidos.

Nesse contexto, foram realizadas reflexões sobre as possibilidades de oferecer a esses alunos estruturas de reflexão sobre sua realidade, assim como instigá-los a pensar sobre a transferência desta violência contra seus colegas e professores em sala de aula.

Desta forma, o tema político que se instala nos meandros pedagógicos e da relação de uma Pedagogia Libertadora, seja no quesito de “dar voz” aos estudantes, seja na esfera de possibilitar caminhos, com a junção do Teatro do Oprimido e todas as suas nuances que o tema

se lança a aprofundar, perpassa pelo olhar reflexivo e atento, e porque não afirmar, dialético de sala de aula.

Diante o exposto, o estudo pretende conduzir o pensamento sobre estes autores, sendo utilizados em uma prática de sala de aula, que possibilitem subsídios para uma maior criticidade e autonomia destes estudantes, de modo que suas ponderações sobre o mundo venham a traduzir em atitudes positivas e efervescentes para eles dentro de suas realidades.

A pesquisa bibliográfica foi feita na Plataforma Google, onde existem muitas possibilidades de filtrar a busca dos artigos a serem pesquisados, seja por ano, autor, temas, e principalmente por palavras-chave, que tornam o contexto a ser pesquisado mais objetivo. Durante a execução da pesquisa também foram utilizadas obras de bibliotecas públicas e privadas que continham livros que serviram como referência para o estudo deste tema como: o referencial bibliográfico de Paulo Freire (1987; 1996; 2011) e de Augusto Boal (2009; 2019). Em sites alimentados com informações, entrevistas, as diversas obras destes dois autores.

À vista disso, foi feito um trabalho de pesquisa focado nas palavras Teatro do Oprimido, as quais fazem referência aos autores Paulo Freire e Augusto Boal. A presente investigação traça sentidos alinhavados tanto com a Pedagogia Libertadora quanto com o Teatro do Oprimido.

Visando entender e canalizar os sentimentos humanos, que por vezes não se fazem compreendidos, ora por não terem quem os ouça, ora por não saberem o que fazer com eles. É importante que este professor saiba aprofundar o conhecimento de seu alunado e que este tenha nele uma forma de dialogar, de trocar e de refletir.

E porque não poderíamos trazer deste contexto novos olhares sobre o fazer teatral nos ambientes escolares, desde a tenra idade, de forma que a atuação teatral seja o modo de protagonizar a própria vida. Ofertando em seu bojo, pontos de partidas em questões sociais, sob a égide de uma ótica avaliativa, ampliando estudos nas áreas da cultura, do teatro e da educação.

Paulo Freire, modos de pensar a educação

Paulo Freire em seu livro “A pedagogia do Oprimido” de 1975, ano de sua primeira publicação no Brasil, conduz em seu cerne a explicação da relação entre oprimidos e opressores para que então, de forma lúcida, ele possa explicar a necessidade de uma pedagogia voltada para esta prática. A Pedagogia do Oprimido torna-se “Libertadora”, ao passo que ilustra várias situações em que as pessoas se encontram na condição de oprimidas e não alcançam esta perspectiva de libertação, de modo que mostra a este sujeito (oprimido) situações que provocam

isso em sua condição social e econômica.

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos (Freire, 1987, p.12).

Um exemplo desta condicionante são os extremos econômicos vividos pelos mais ricos e mais pobres em um mesmo país regido pela mesma economia. Uma condição que, se não estiver preparado, engajado e esclarecido, este mesmo sujeito, o oprimido que é levado a ser menos, pode ao invés de oprimir, mobilizar seus antigos pares e conscientizá-los também.

E neste contexto a palavra em voga, que remete a esta ampliação do que realmente acontece ao redor deste indivíduo, é a conscientização. E com esta tomada de consciência, o sujeito pode agir ou não sobre sua condicionante de vida. Segundo Freire “A prática consciente dos seres humanos, envolvendo reflexão, intencionalidade, temporalidade e transcendência, é diferente dos meros contatos dos animais com o mundo” (Freire, 2011, p.108). Mostra-nos que esta pessoa pode ser crítica, agindo então dentro de sua realidade ou simplesmente não modificando o seu contexto e condições, fatores que também fazem parte de sua escolha livre de vida.

Outro ponto a ser pensado pela teoria de Paulo Freire é o contexto do opressor, de como ele ganha posições e posicionamento social. Em seu livro, Freire mostra um trecho desta relação.

O “homem novo”, em tal caso, para os oprimidos, não é o homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede seu lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida. Desta forma, por exemplo, querem a reforma agrária, não para libertar-se, mas para passar a ter terra e, com esta, tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados (Freire, 1987, p.18).

O autor foca bastante na relação financeira que envolve muito o contexto da época, (como ainda hoje existe), porém pode-se observar opressores em diversas relações, entre orientações sexuais diferentes, remunerações díspares entre homens e mulheres de mesmo cargo ou questões relacionadas à tonalidade da pele das pessoas, onde indivíduos mais retintos passam a ser perseguidos, acompanhados pelos seguranças de uma loja, dentre outras situações do cotidiano.

É notório observar, que Paulo Freire nos mostra, esta instalação do opressor dentro do oprimido, é necessária uma ação conjunta em prol dos sujeitos, não havendo, uma libertação individual ou mesmo imposta pelo outro, mas efetivamente uma libertação feita pelo coletivo, objetivando esta mudança dos paradigmas sociais.

A questão da troca do conhecimento trazida por Freire, também demonstra esta necessidade de união nas ações, pensar diferente de uma educação bancária que se deposita um conhecimento, sem nenhum questionamento sobre ele, sem reflexões que critiquem o que se aprende e o que se ensina, a forma com que esta educação é feita. E até onde se permite que este sujeito pense.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-lo se arquivá-los (Freire, 1987, p.33).

Dentro da perspectiva de vazio e cheio, algo que o professor possui e o aluno não possui, de forma a não se criticar em nada o que se vive no contexto social e sim praticar cada vez mais esta mesma estrutura dentro do contexto escolar, e muitas vezes na própria vida ou com os familiares mais próximos.

De acordo com Freire, “O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (Freire, 1996, p.57). Trazendo à tona uma “coisificação” deste aluno, o professor como o centro do processo, sem conceder a menor liberdade de troca por parte do aluno. Sem viabilizar uma reflexão de atitudes, ações e posturas, para com a vida, suas posições como sujeito e diante de si mesmo.

E esta imagem “coisificada”, que não condiz com o que o autor afirma, na qual Educação Libertadora, ambos são sujeitos, e é por meio desta constatação que os dois construirão o conhecimento.

Desta forma este professor aprende e ensina, do mesmo modo que o aluno ensina e aprende, ambos efetuam uma troca de conhecimentos para que os dois possam chegar a um ponto convergente de opiniões. Mas acima de tudo provoca transformações mútuas e nenhum dos sujeitos será o mesmo após esta troca de posturas, ambos são transformados em outras pessoas.

Augusto Boal e o Teatro do Oprimido

Augusto Pinto Boal, brasileiro, exímio profissional da quinta arte, foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta, uma personalidade do teatro na contemporaneidade e conhecido no mundo todo. Boal, possui uma personalidade crítica, experimental e viabilizadora, em seu acervo de estudo pode-se observar um sujeito que coloca os invisíveis no palco, protagonizando as ações.

Teve a construção ascendente de sua técnica durante as décadas de 50 a 70 e em períodos conturbados da História do Brasil. E dentre sua atuação como dramaturgo, influenciou o Teatro de Arena da cidade de São Paulo, um marco em teatralização que foi fundado por José Renato em 1953 e projetado para ser o despontar inicial de atores para uma atuação mais intimista. Seu nome é o que caracteriza uma arena, atores no centro e expectadores ao redor e nele, Boal cria o Seminário de dramaturgia no Teatro de Arena.

Mas o Teatro de Arena traz a história para o palco: Arena conta Zumbi em 1965, uma exibição de grande ressonância. O musical fazia críticas ao Golpe Militar vivido recentemente à época e vinculava a luta repressora entre negros escravizados e os colonizadores portugueses.

Posteriormente foi contada neste mesmo espaço outra apresentação memorável, Arena conta Tiradentes, encenado em 1967, também uma análise do período político deste momento da história do país, articulando o movimento libertário que poderia ter mudado os rumos da História do país, neste caso o da Inconfidência Mineira. Mas em 1971, Boal é detido e parte para o exílio.

Boal era inicialmente um sujeito humanitário, com suas abordagens frontais trabalhou temas que eram sensíveis a todos. Lutando contra qualquer modo de subjugar o outro, colocando-se em prol de quem é oprimido. Em seu ofício, teve como regra primeira a criatividade e sempre colocando em prática o seu fazer, seja com pesquisas de novas técnicas, um teatro de reivindicação social, seja fazendo uso de uma bandeira política muito ativa, acima de tudo, o ato de se posicionar ante seu trabalho.

Acabou-se o tempo da inocência, o tempo da contemplação já não é mais. temos que agir... Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser conquistados pelos oprimidos como forma de liberação. Não basta consumir cultura, é necessário produzi-la. Não basta gozar arte, é necessário ser artista. Não basta produzir ideias, é necessário transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. A estética é um instrumento de liberação (Boal, Fórum Social Mundial, 2009).

É com este viés que o dramaturgo conduz o seu olhar sobre as artes e diante da vida e afirma que “[...] é preciso conhecer não apenas suas próprias, mas também as opressões alheias. A solidariedade é parte medular do Teatro do oprimido” (BOAL, 2019, p.14), tendo seu teatro inspirado nos diversos oprimidos que ele encontrou na trajetória de sua carreira, e não somente a opressão vivida por ele, como um único oprimido.

Segundo Boal, em entrevista para a atriz Dina Sfat, o Teatro do Oprimido nasce no Brasil mesmo, antes deste se exilar em outros países com o advento da Ditadura Militar, e este tipo de teatro se desenvolve com sua trajetória no exílio em outros países, como Argentina, Peru e México.

Este teatro nasceu em 1968, quando ele passa a ser podado, não podendo ser um teatro diretamente para o povo. Entender o conceito do Teatro do Oprimido perpassa por uma analogia muito interessante que Boal criou, a *Árvore do Teatro do Oprimido*. E nesta analogia, ele aborda um primeiro elemento desta árvore.

No tronco da *Árvore* surgem, primeiro, os jogos, porque reúnem duas características essenciais da vida em sociedade: possuem regras, como a sociedade possui leis, que são necessárias para que se realizem, mas necessitam de liberdade criativa para que o jogo, ou a vida, não se transforme em servil obediência. Sem regras não há jogo, sem liberdade não há vida (Boal, 2019, p.15).

E dentro deste contexto de árvore, teremos “[...] as capacidades de perceber o mundo através de todas as artes e não apenas do teatro [...]” (Boal, 2019, p.13), por meio de expressões feitas por meio do som, da palavra e da imagem, que alcançaram seu envolvimento mais profundo sendo referenciados pelas raízes e a terra.

Desta forma, o teatro concebido pelo dramaturgo, terá algumas tipologias que convergem entre si, nesta *Árvore do Teatro do Oprimido*, assim teremos o Teatro Imagem, Teatro Jornal, Teatro Fórum, Teatro Invisível e Teatro do Oprimido, e elas dentro destas concepções na *Árvore Teatro do Oprimido*.

Quando se fala no Teatro Imagem, existe a escolha de não utilizar a palavra, justamente para poder ser explorada outras formas de percepção, onde significantes e significados são inseparáveis, e neste momento recursos como: o corpo, fisionomias, objetos, distâncias e cores ampliam a concepção sinalética.

Boal fala sobre peças que ensinem o fazer outras peças, não sendo um fim em si mesmo, mas um ponto de partida para novas ações em qualquer ambiente. O Teatro Jornal, onde são ensinadas doze técnicas, em que se pega o jornal do dia e se usa as manchetes, transformando estas notícias em teatro.

Por vezes o público era selecionado em sindicatos, igrejas, grupos de estudantes, associações de bairro, mostrando a este público como fazer teatro, fazendo deles os artistas. Esta técnica serve para “[...] desmistificar a pretensa imparcialidade dos meios de comunicação [...]” (Boal, 2019, p.15).

O Teatro Fórum seria a forma mais democrática do Teatro do Oprimido e intensamente conhecida pelo mundo. Pode fazer uso de qualquer recurso de todos os formatos teatrais com um elemento a mais que são os espectadores, intitulado por Boal de “*espect-atores*”.

Estes são chamados a participar ativamente do espetáculo, tendo sua função de grande relevância, trazendo soluções trazidas por quem estava na passividade da plateia, entrando na cena (Boal, 2009), trazendo desta forma o sujeito passivo das plateias para uma transformação profunda dentro do palco.

Outro tipo de teatro é o Teatro do Invisível, consiste na preparação de uma cena de teatro que não ocorrerá dentro dele, mas fora deste ambiente, sendo representada fora do teatro, *in loco*, não preparando o cenário, mas indo até ele. Passa-se dentro de um ônibus, sendo feita no coletivo mesmo e não criando um cenário. Sem dizer que este teatro possui este nome porque as pessoas não possuem esta consciência de que ele é de fato um teatro, onde atores e expectadores encontram-se no mesmo nível de diálogo e de poder, não existindo incompatibilidade entre sala e cena, e sim uma superposição.

O teatrólogo Boal explica o que é o Teatro do Oprimido: sendo o primeiro princípio transformar o expectador, que é um sujeito passivo, em ator, que é um ser ativo. É pegar uma pessoa que não age para ser o determinante do que será feito.

Em um processo que dura em torno de alguns dias, em um primeiro dia Boal conduz os sujeitos de suas aulas para uma “desalienação corporal”. No segundo dia, ocorrem alguns jogos de expressividade e exercícios de imagem. No terceiro dia, há uma exclusividade para o teatro de imagem que consiste em doze técnicas de “falar com o corpo”, relações do corpo com objetos, o corpo com o espaço em que se encontra e que se tem.

O quarto dia é o teatro fórum, no qual ocorre uma apresentação de um modelo, que seria um antimodelo, em que os personagens não sabem qual ação tomar e desta forma é solicitada a troca do ator para solucionar o problema, dando assim um melhor desfecho para aquela situação. E como argumenta o autor: “O espetáculo é o início de uma transformação social necessária e não um momento de equilíbrio e repouso. O fim é o começo!” (BOAL, 2019, p.13).

Relações Entre os Oprimidos e a Prática

Ao relacionar duas personalidades que foram ligeiramente descritas em suas ações profissionais e demandas sociais e estruturais para a sociedade, é sensível notar que tanto Paulo Freire como seu contemporâneo Augusto Boal, foram peças fundamentais para promoção de sujeitos e pessoas por vezes invisíveis para a sociedade.

Seja o ponto inicial de Angicos no Rio Grande do Norte e seus 300 alfabetizados, ou o Teatro de Arena e seus primeiros expectadores, puderam participar ativamente de uma transformação do pensamento, do observar o outro como sujeitos, este até então oprimido por uma sociedade (em sua variante de contextos), como o próprio Boal informou sendo ele um oprimido, mas dando asas, autoridade e consciência de classe, para pensar o mundo e as práticas sociais.

Ambos foram críticos e por vezes mais estimulados por um período de repressão de pensamento. Em exílio, deram continuidade aos seus estudos sociais e suas metodologias, mostrando a importância de uma alfabetização crítica, reflexiva e que não se conforma com a reprodução daquelas condições, sejam elas sociais, políticas e econômicas.

Mesmo que em campos diferentes, seja a Educação para Freire ou o Teatro para Boal, suas áreas promoveram a potencialidade que possuíam, Paulo Freire transformava a vida de pessoas simples com o ato de educar, de observar que nada era por acaso, que se o “tijolo” aprendido a ser escrito estava ali, possuía uma finalidade, o da construção.

Mas será que todos possuíam uma casa ou uma casa nos padrões que ali se construía? E por qual motivo estes não teriam casas? Esta dialética de condição social, era a lupa que Freire colocava sobre a educação.

O mesmo poder de reflexão que Boal e seu Teatro do Oprimido traziam, empoderavam pessoas a terem uma percepção esquemática dentro do teatro, a aguçarem seus olhares e outras percepções do mundo, para então tomarem o lugar do palco, de forma ativa e não meramente de um espectador, mas sim de um “spect-ator”.

Com poder de decisão e acima de tudo reflexão sobre sua prática dentro do contexto abordado. Augusto Boal afirma que o ato de transformar, também é transformador. Ele dá um exemplo muito vivo em seu texto que aborda a situação de um trabalhador fabril.

Em Santiago do Chile, em 1974, convidado pelo consulado francês, trabalhei com operários chilenos; entre eles, aquele que era o mais combativo na luta contra a ditadura propôs uma cena de família na qual ele, inconscientemente, mostrava-se ditador em relação à sua esposa e às suas filhas. Na política, lutava contra a ditadura e, na família, exercia poderes ditatoriais. Aquele operário era inconsciente das opressões que exercia, pois, para ele, eram a única forma que conhecia e aceitava de “ser um bom pai severo”. Confundia suas opções opressoras com a função de pai. Era tão inconsciente do significado do que fazia como aquele guarda de presídio que,

depois de uma sessão de Teatro Fórum sobre o comportamento violento de guardas carcerários, comentou: “Eu não sabia que era um torturador: pensava que isso que eu fazia fosse ‘educar os presos (Boal, 2019, p.24).

Com este pensamento é que se deve olhar a complexidade e transformação do Teatro do Oprimido, por vezes o oprimido não sabe que é oprimido e muitas outras não se dá conta dos efeitos da sua opressão sobre os outros. A mudança de paradigma pode não ser definitiva, mas ela remete ao pensamento de reflexão, incomodo em seu uso dialético.

O sujeito que eventualmente começa a pensar sobre o que pratica, provavelmente revê as situações para agir novamente. Saindo da posição de mero expectador para a de protagonista da própria história.

O Teatro do Oprimido, de maneira análoga à Pedagogia de Paulo Freire, que concebe a realidade como algo dinâmico, em perene devir, o que implica que ninguém é opressor ou oprimido – está sendo.

É tarefa tanto da arte quanto da educação contribuir para o advento de uma sociedade sem opressão, utopia que pulsa no seio daquilo que Boal gostava de chamar de Poética do Oprimido e que “propõe a própria ação” – o teatro como ensaio da revolução (Boal, 2009) e que em Freire é dito sobre a opressão:

Isto não quer dizer necessariamente que os oprimidos não tenham consciência de que são pisados. Mas o estar imersos na realidade opressiva impede-lhes uma percepção clara de si mesmos enquanto oprimidos. A este nível, sua percepção de si mesmos como contrários ao opressor não significa ainda que se comprometam numa luta para superar a contradição: um pólo não aspira à sua libertação, mas à sua identificação com o pólo oposto (Freire, 1996, p.31).

O sonho do oprimido é ser o opressor, do mesmo jeito que, se mostrado o contrário, o oprimido de hoje pode pensar diferente de seu opressor. Freire mostra este pensamento, quando se compromete sobre uma reflexão e seu movimento de criticar e refletir sobre o pensar corretamente:

O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir dele como um dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e pensar sobre o fazer (Freire, 1987, p.38).

E neste contexto de propor possibilidades Augusto Boal conduz esta ação por meio do fazer.

O que a Poética do Oprimido propõe é a própria ação! O espectador não delega poderes ao personagem para que atue nem para que pense em seu lugar, ao contrário,

ele mesmo assume um papel protagonista, transforma a ação dramática inicialmente proposta, ensaia soluções possíveis, debate projetos modificadores: em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para a ação real. Por isso, eu creio que o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente por ser um excelente ensaio da revolução [...] (Boal, 2019, p. 124).

Com este viés que trazer o pensamento destes dois autores, mostra a importância de sua prática em sala de aula, para transformar pensamentos que venham a agregar contextos e modos de repensar a sociedade e suas estruturas. Curiosidade tanto para Boal, como para Freire são em modos distintos o ponta pé para se pensar e refletir.

O Teatro Para Emancipação dos Alunos

Dando continuidade à proposta no interior das escolas é muito emocionante notar as movimentações e as transformações causadas pelo Teatro do Oprimido e das relações emancipadoras com a visão de Autonomia e de Liberdade de Freire.

Por meio de uma pesquisa desenvolvida em 2010 e 2011, com o intuito de observar esta intervenção do Teatro-Fórum, em uma escola de Itatiaiuçu, Minas Gerais.

No interior da escola, a prática do Teatro do Oprimido favoreceu instâncias de diálogos coletivos, horizontais, que questionaram o próprio funcionamento da instituição, a espacialidade das salas de aula, sua estrutura física, as formas como estabelecem suas relações curriculares, hierárquicas e de conhecimento. Sempre que surgia um impasse ou mesmo um problema na oficina, este era solucionado coletivamente, com uma conversa em roda, considerando as diferentes opiniões de todos os participantes (Filho e Marques, 2012, p. 10).

Desta forma pode-se observar toda a movimentação provocada por este construto, trabalhando em prol da educação e da formação consciente destes alunos. Fomentou-se diversos debates no âmbito da escola e promoveu-se esta reflexão tão cara para formação dos estudantes. E em uma tese de mestrado feita pela educadora Maria Augusta Belém, poderemos ver outro exemplo de praticidade das técnicas de Boal no contexto escolar, que se passa em uma escola no centro do Rio de Janeiro, com alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental mostrando que todo e qualquer tema pode ser traçado para os alunos, e que de preferência remonte suas realidades:

Foram abordados temas relacionados à violência urbana, desemprego, abuso sexual, preconceito racial, homofobia, amizade, família, religião, dentre outros. Esses assuntos, conseqüentemente, convergiram para a temática do poder, observando que durante os diálogos era comum emergir a dualidade forte-fraco, relacionada a dimensão do poder (Belém, 2018, p. 113).

Em outro momento a autora materializa situações em seu contexto crítico para a comparação dos alunos, sua reflexão, sua tomada de atitude diante destas condições sejam elas sociais, culturais ou econômicas.

Desse contexto, foram produzidas três cenas com conteúdos alusivos à opressão social, sendo eles: o esquete “Gentrificação”, que pontuava a remoção de famílias das áreas centrais da cidade, para serem alojadas em regiões distantes e com carência de infraestruturas; o esquete “A farsa do descobrimento”, que fez um paralelo entre as entradas violentas dos europeus em solos americanos e as atuais forças policiais extremas, que frequentemente entra nas comunidades desrespeitando vários direitos dos cidadãos; e o esquete “Descobrimto ou invasão?”, que propõe reflexões acerca do que ainda é passado como conhecimento oficial nas escolas, sobre a chegada dos europeus na América do Sul e, mais especificamente, no Brasil (Belém, 2018, p. 113).

Com isso, temas tão caros para sociedade em que tais alunos estão inseridos podem ser abordados de forma leve, sarcástica ou teatral, entrelaçando questões que precisam ser debatidas ou refletidas por novos prismas, como demonstra a autora.

Considerações finais

Dessa forma, é notório perceber que o uso, tanto das concepções de Freire e seus enlaces de autonomia, de visão do mundo e da leitura, pode promover novas interpretações e concepções do que se vive e observa na vida de crianças e adolescentes.

Além disso, trazer algo tão íntimo como o teatro, e especificamente as técnicas de Boal, viabilizando uma percepção sensorial que transcende a palavra, o sentir a palavra o poder dizer a palavra, modificando realidades e contextos amalgamados, por um sistema educacional e de sociedade que imprime a estes sujeitos, uma função social unilateral, de forma que estes não possam agir e tomar novos rumos. Promover de fato o que a filosofia freireana conduz, por meio da autonomia.

Contrariando a lógica (sem lógica), do sistema imposto por uma política social opressiva, colocado por demandas que o poder público não contempla, até mesmo porque tal ação irá provocar questões contra eles mesmos, desta forma limitar os alunos, colocar os mesmos em condição de controle é mais viável.

Porém, a criatividade e passividade, nunca conseguiram andar juntas. E sim, o atuar de forma ativa, reflexiva e transformadora, dentro da vida particular dos sujeitos e principalmente em sua relação social, também nos é caro.

Referências

BELÉM, Maria Augusta de Farias. **O teatro do oprimido no espaço escolar**: um despertar crítico criativo. Disponível em: <http://www1.ceart.udesc.br>. Acesso em: ago. 2023.

BOAL, Augusto Pinto. **A estética do Oprimido**. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

BOAL, Augusto Pinto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 1ª. ed. São Paulo, Editora 34, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Fontes

BOAL, Augusto Pinto. Acervo Pessoal. **Instituto Augusto Boal**. Disponível em: <http://augustoboal.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FILHO, José Pereira Peixoto; MARQUES, Emiliania Maria Diniz. **Teatro do Oprimido e Educação**: perspectivas para as práticas escolares na atualidade. Disponível em: <https://www.anpae.org.br/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Acervo Paulo Freire**. Disponível em: www.acervo.paulofreire.org. Acesso em: 25 ago. 2023.

SOBRE A AUTORA

Luciana Jesus de Souza. Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação (Unicarioca), licenciada em História na UNISUAM e em Pedagogia na UNIRIO. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira pela UCAM. Professora de Ensino Fundamental na SME/RJ e Tutora CEDERJ.

Contribuição de autoria: elaboração e formatação do texto.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1340471290129283>

Como citar

SOUZA, Luciana Jesus de. De Freire a Boal: teoria e prática no palco da educação. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e13829, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.13829>.